

[PERFIL][PERFIL][PERFIL]

# Arte nascida da improbabilidade

Obra lembra Carolina Maria de Jesus, catadora de papel que se tornou escritora

**Carolina Maria de Jesus — Uma escritora improvável**, de Joel Rufino dos Santos. Editora Garamond, 165 páginas. R\$ 37

Elias Fajardo

**R**evoltada, solidária, individualista, sensível, semianalfabeta, ela surgiu como escritora na década de 60, foi traduzida para 14 idiomas e, até 2009, mais de um milhão de seus livros já haviam sido vendidos. A favelada catadora de papel que se tornou autora emergiu da pobreza e retornou a ela em menos de dez anos. Sua presença na cena cultural brasileira foi como um raio num céu azul: tão inusitada e improvável que até hoje não é bem compreendida.

Este é o cerne da história contada por Joel Rufino dos Santos em “Carolina Maria de Jesus — Uma escritora improvável”. Ela ergueu sua voz para tratar das condições desumanas em que viviam os menos favorecidos e comoveu e chocou o país com o livro “Quarto de despejo” (1960), em que descreve não só a sua fome, como também, com crueza e simplicidade, cenas como a de um menino que catou

um pedaço de carne estragada no lixo, assou, comeu e ali mesmo morreu. Porém, não foi lida pelos pobres, e sim pela classe média intelectual e estudantil que, do mesmo modo que a incensou, esqueceu-se logo dela, envolvida que foi pelo turbilhão político desencadeado com o golpe de 1964.

Carolina transformou em literatura sua condição de pobre, mas não foi (ou não se julgava) um deles: achava-se superior aos seus vizinhos por saber ler e escrever e tinha consciência, sobretudo, de que só podia contar consigo mesma. Suas relações com a comunidade onde viveu, a hoje extinta favela de Canindé, em São Paulo, passavam pela hostilidade. “Ela escreveu o nosso dia a dia, denunciou os problemas da favela, mas uma parte do pessoal não se acostunou bem a isso. Inclusive uma vez ela levou mais de cinco canivetadas na perna”, conta uma amiga no livro.



Condoía-se da desgraça alheia e, quando ganhou dinheiro, não se furtou a ajudar muita gente, mas mesmo assim foi considerada uma pobre soberba, uma “crioula metida”, talvez por conta de seu porte altivo, carregando um filho nas costas e enfiando papéis e restos de comida num saco.

Tinha uma verdadeira obsessão pela leitura e pela escrita, através das quais, de modo bastante sofrido, se situou no mundo. Recebeu com prazer as homenagens que lhe foram prestadas, gostava de perfumes caros e de se vestir bem e nunca quis pertencer a sindicatos e associações de classe.

Enquanto os intelectuais brasileiros sonhavam e lutavam por um triunfo final dos trabalhadores e pela construção de uma sociedade sem pobres nem ricos, Carolina queria apenas ter uma vida mais digna e descrevia a si própria como um marisco que se cola a uma pedra e tenta

subir. Ou tenta não ser engolfada pela onda brutal da miséria.

Presença, solidão e altivez foram suas marcas até morrer, conta Joel Rufino dos Santos. O autor esclarece que seu livro não é uma biografia e diz ainda que não tentou traçar um quadro histórico aprofundado do tempo em que Carolina viveu, embora recorra, muitas vezes, a uma boa pesquisa histórica sobre a época. O que ele fez foi tratar a escritora como um “caso”: um acontecimento comovente a partir do qual o autor abre janelas sobre outros acontecimentos. Desenvolve então um perfil da escritora, reconhecendo que, muitas vezes, seu personagem lhe escapa entre os dedos. E, através do texto e da trajetória de Carolina, discute temas muito importantes e presentes na vida brasileira, como racismo, relações com a fama, populismo, alienação política etc.

O que emerge de “Carolina Maria de Jesus — uma escritora improvável” é uma mulher contraditória, mas, acima de tudo, apaixonada pela arte de seduzir e iluminar o leitor através das palavras. ■

ELIAS FAJARDO é jornalista